

# PRESENÇA FRANCESA EM CAMPINÁS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Duílio Battistoni Filho

( Professor do IAC/PUCCAMP )

É inegável que Campinas na segunda metade do século XIX, graças à sua excelente posição geográfica e estratégica, ocupou um lugar de relevo na Província de São Paulo, como zona cafeeira e ferroviária. Atraindo pessoas de diversas regiões do país, sua população aumentou a ponto de ser o pólo de importante região sócio-econômica. Imediatamente com as facilidades de comunicação, a cidade logo se tornou um grande centro cultural e bastante permeável às idéias européias, notadamente as francesas.

Compulsando os jornais da época, verificamos a grande existência de um grande número de casas comerciais de propriedade ou, pelo menos, de nomes franceses e, dentre eles, destaca-se a "Casa Genoud", outrora chamada de "Au Monde Elegant". Fundada pelo francês Alfred Genoud, em 1876, reuniu o mundo elegante de Campinas durante muito tempo com seus vários departamentos de brinquedos, papelaria, livros, instrumentos musicais, tipografia, perfumaria, etc. Mme Genoud mantinha uma espécie de salão de cabelereiro para senhoras. Durante muitos anos este tradicional estabelecimento funcionou como importante centro da difusão da cultura francesa na sociedade campineira. Nos anúncios que publica nos jornais, desde o ano de sua fundação, aparece toda sorte de produtos importados da França desde bijouterias, vasos, espelhos, jarras de porcelana, livros, pentes e até vinhos e champanha. Além desses artigos, das mais variadas espécies, inúmeros outros que seria longo enumerar, eram encontrados na Casa Genoud. Foi a sede da primeira livraria de Campinas e aceitava assinaturas para jornais e revistas francesas.

Até o encerramento de suas atividades em 1940, era o local preferido dos intelectuais campineiros onde havia rodas literárias e concertos de música. Era comum pianistas do porte de um Carlos Gomes e mais tarde

Marcelo Tupinambá, Guiomar Novaes e outros, ali se apresentarem. Alfred Genoud era o típico intelectual francês e sua casa foi um ativo agente da cultura francesa entre os campineiros<sup>1</sup>.

É necessário acentuar que tivemos em Campinas comerciantes de origem francesa, artesãos e vários especialistas de todas as profissões, como nos revelam os jornais da época. Poderíamos citar: Joseph Vermot, proprietário da "Notre Dame", tradicional casa comercial; Jean Perrin, dono de uma casa de couros; Henriete Bherman, proprietária de uma tradicional chapelaria; modistas como: Emma Mouget e Marie Cellulare, sendo esta última dona da casa "Aux Modes Parisiennes", ponto elegante das senhoras da época. Várias são as cabelereiras, como Mme. Perrotin e Mme. Chantin<sup>2</sup> que ensinam a técnica de pentear a muitas senhoras e escravas. Estes penteados feitos pelas cabelereiras obedecem à moda parisiense, e os perfumes consumidos vêm também de lá. A moda francesa é ditadora absoluta no que diz respeito ao traje feminino: sapatos, vestidos, roupa branca, luvas, chapéus, tudo obedece a suas regras. A mulher campineira de uma certa classe veste-se e calça-se de acordo com a última moda, enquanto os homens usam românticas cabelereiras à Alfred de Musset e barba à Napoleão III e vestem-se no "Henri Bloch et Frères".

Alfred Genoud, anuncia na **Gazeta de Campinas** a 16 de março de 1876 o "grande sortimento de cabelos postiços promptos que se vendem com grande redução nos preços". Mme. Perrotin num anúncio no mesmo jornal a 10 de fevereiro de 1887, necessita de boas costureiras "que sejam bem adiantadas em sua arte".

Franceses também são os que dominam o mercado de jóias como Emile Decourt e Jacques Neter. Os comerciantes, sabendo da cotação do produto francês, fazem questão de acusar a sua proveniência. Ora, são artigos recebidos "pelo último vapor do Havre de grande sortimento de flores prateadas, pentinhos aigrettes e barretes<sup>3</sup>," ou as encomendas vindas de Paris para dona Gertrudes Pompeu do Amaral.

Outra influência francesa, nos anúncios dos jornais campineiros da segunda metade do século passado, é a de remédios, elixires e drogas as mais variadas. Não faltava a uma farmácia caseira o remédio Le Roy, ou o vinho de Marsa, tônico do dr. Moucelot, da Faculdade de Medicina de Paris. Essas farmácias substituíram as velhas boticas de barbeiros, que nos tempos coloniais aplicavam as bichas para sangrar os doentes. Muitos pós e pomadas de origem francesa passam a ser vendidos. Com a falta de médicos nas fazendas e engenhos, os proprietários rurais, muitas vezes, se serviam do famoso livro **Dicionário de Medicina Popular** do francês Pedro Luís Napoleão Chernoviz para curar as doenças<sup>4</sup>.

Vários são os franceses que aparecem como hoteleiros ou donos de restaurantes em Campinas. Basta dizer que, estando nesta cidade, em 1865, a caminho do Paraguai, a comissão de engenheiros militares

comandada pelo Visconde de Taunay, surpreendeu-se com o bom gosto e requinte, além da boa alimentação, do hotel do francês Casé, situado no Largo da Matriz<sup>5</sup>. Um estabelecimento de hospedagem muito conceituado era o Hotel de Paris, de Pierre Lambouget, na rua do Bom Jesus ( Campos Sales ) e os restaurantes de primeira linha como: “Des Pirinés”, muito afamado pela sua cozinha “a la carte” e o “Restaurant de France”.

Nas artes de um modo geral, a influência gaulesa foi notável. Em 1819 passando por Campinas, o botânico Saint-Hilaire hospedou-se na residência do capitão-mor João Francisco de Andrade e admirou uma sala, cujas paredes eram pintadas com ornamentos florais<sup>6</sup>, observação esta que registrou como índice de bom gosto das pessoas abastadas. É uma das mais antigas referências do uso da pintura nesta cidade feita por um estrangeiro.

Glaude Barandier ( 1812 – 1867 ), pintor francês, egresso do romantismo e residente no Rio de Janeiro, visitou a cidade em 1865, segundo observações de Celso Maria de Melo Pupo<sup>7</sup>. De sua lavra temos os cinco quadros com cenas dos “Passos”, atualmente fazendo parte do acervo do Museu de Arte Sacra de Campinas; retratos importantes como os de Joaquim José dos Santos ( coleção Ricardo Gumbleton Daunt Neto ), de José de Souza Campos ( coleção de Margarida Xavier de Souza ), dos barões de Atibaia ( coleção da Irmandade de Misericórdia ), de Ildefonso Antonio de Moraes ( coleção de Celso Maria de Melo Pupo ) e no Museu da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral Metropolitana, o quadro “Verônica”.

Vindo de São Paulo, outro pintor se estabelece na cidade: Jacques Loustalot, paisagista, decorador e empapelador de casas, dono de uma técnica excepcional e, segundo a imprensa da época, “encarrega-se de qualquer trabalho concernente a sua profissão, por empreitada ou a jornal”<sup>8</sup>.

Nos mobiliários e enfeites que adornam a casa das pessoas de um certo nível social, manifesta-se nesta época, a marca francesa. Tanto é verdade que, em 1886 o Conde de Três Rios mandou buscar na França móveis estilo Luiz XV, para receber em seu sobrado o imperador D. Pedro II. Aliás, diga-se de passagem, era uma pessoa extremamente bondosa e caridosa, chegando numa ocasião a comprar em Paris, por dez contos, uma túnica especial para cobrir a imagem de Nossa Senhora das Dores, da Sé de São Paulo. Ajudou também a Santa Casa de Misericórdia de Campinas com uma grande soma em dinheiro, numa época quando aquele hospital passava por uma grave crise financeira. Mas, os nossos barões primavam pelo bom gosto em ornamentar as suas residências. O Visconde de Indaiatuba e os barões de Itapura, Atibaia e Itatiba não dispensavam as alfaias, quadros franceses e louças de Sevres. Era comum as mesas serem cobertas de ad-mascados, talheres, pratos, estatuetas, candelabros e álbuns de fotografias ricamente encadernados, todos vindos de Paris.

A cozinha francesa, muito rica, contribuiu para a nossa alimentação, introduzindo pratos novos, seus queijos e especialmente os seus vinhos de Bordeaux, Borgonha e a Champanhe Aye. E por isto não faltaram os pratos franceses na mesa desses barões.

Na arte fotográfica, os franceses também se destacaram em Campinas. O fotógrafo Jacques Vigier veio a Campinas em 1879 e tornou-se sócio do sueco Henrique Rosen dono da "Fotografia Campineira". Este estabelecimento era famoso em todo o país, a ponto de merecer do Visconde de Taunay, fartos elogios em suas **Memórias**. Também o arquiteto Jules Martin, projetista do Viaduto do Chá em São Paulo, fixou numa litografia a Estação de Campinas por ocasião da inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro a 11 de agosto de 1872.

O iniciador do ensino artístico em Campinas foi o francês Hércules Florence ( 1804 – 1879 ) radicado na cidade logo após a malograda expedição científica do barão de Langsdorf pelo Amazonas, na qual fizera parte como 2º desenhista. Segundo Rafael Duarte foi "o primeiro estrangeiro que, entre nós, fundou família"<sup>9</sup>. Sua documentação visual em desenhos ou aquarelas sobre costumes paulistas e indígenas chegou a merecer do historiador Afonso d'Escragnolle Taunay o título de "Patriarca da Iconografia Paulista". Deixou-nos um legado de realizações, destacando-se dentre elas, a Poligrafia e, com o auxílio do botânico Corrêa de Melo, descobriu em 1833, um processo para fixar imagens por meio de sais e nitrato de prata, culminando com a invenção da Fotografia. Contudo, não foi reconhecido na ocasião, quer pela incompreensão dos outros, quer pela pobreza do meio, visto ser Campinas uma simples vila acanhada do interior de São Paulo<sup>10</sup>. Hoje sabemos do pioneirismo dele no ramo da Fotografia, reconhecido pelas maiores autoridades internacionais desta arte, antecedente em muito ao processo do daguerreótipo inventado por Daguerre.

Em 1836, compra uma tipografia completa na capital do Império e mediante o despacho favorável da Câmara, o estabelecimento foi montado no Largo da Matriz em 1838. Esta tipografia foi a primeira em Campinas.

Hércules Florence também foi fazendeiro e, na sua fazenda Soledade, nos arredores da cidade, recebeu muita gente famosa como o suiço J. J. Von Tschudi, o francês Charles Reybaud, o visconde de Taunay, o imperador D. Pedro II, dentre outros.

Campinas, apesar da proximidade de São Paulo, recebeu um bom número de cidadãos franceses formando uma colônia respeitável, responsável pela criação de uma sociedade chamada "14 juillet" semelhante ao da capital paulista e suas reuniões eram realizadas na residência de Emile Decourt à rua do Rosário ( Francisco Glicério ). Por ocasião da morte de Vitor Hugo em 1885, a sociedade prestou-lhe uma homenagem póstuma nas dependências do Teatro São Carlos, onde ocorreu uma sessão

literária, seguida de uma exposição de um retrato a óleo do grande poeta, feito pelo artista campineiro, Sampaio Peixoto. Em 1894, por ocasião da morte do presidente francês Sadi Carnot, esta mesma sociedade juntamente com a sua congênera “Luís de Camões”, resolveu enviar à viúva um telegrama de pesar, expressando toda a dor dos campineiros pelo acontecimento. A colônia francesa é pequena, mas atuante, contribuindo em muito na evolução do pensamento e dos modos de vida em Campinas. Não menos importante foi a atuação que tiveram educadores, cientistas e religiosos.

Com a criação do Colégio Culto à Ciência em 1874, foram contratados diversos professores estrangeiros, dada à falta de bons mestres na época. Assim, em 1888, o francês Hyppolite Gustave Pujol veio aqui lecionar diversas disciplinas, sendo também diretor do estabelecimento até em 1892. Grande educador, imprimiu uma grande reforma de ensino, “ao propor uma reformulação no estudo da índole e da natureza das creanças”<sup>11</sup>

Dedicou-se também à poesia, publicando vários livros destacando-se entre eles, o magistral **Loisirs, vers et versions** onde inseriu alguns versos maravilhosos, especialmente aqueles dedicados às órfãs de Campinas, meninas recolhidas pela caridade pública ao Orfanato da Santa Casa, por ocasião da febre amarela que desolou a cidade durante a última década do século passado.

Outro educador famoso do “Culto à Ciência” foi Jean Keating, poliglota, professor, “causeur” e poeta. Sua bibliografia é vasta, podemos mencionar **L’ennui**, **L’impasse** e a **Gramática Francesa**. Notabilizou-se como cultor do Esperanto e pela divulgação da poesia brasileira na França. Foi responsável pela cadeira de Francês do citado estabelecimento.

Em 1886 abria suas portas o Externato Francês, na rua da Constituição (Costa Aguiar), **dedica** aos cursos primário e secundário tendo à frente o seu diretor Germain Celestin Scipion Augustin. Era costume em Campinas, as grandes famílias terem professores particulares franceses. O **Diário de Campinas**, a 5 de abril de 1888, estampava numa de suas páginas que “um moço francez, bacharel em Sciencias, com longa prática de ensino offerece-se para lecionar em casa particular as seguintes matérias: Francez, Arithmetica, Geographia, Cosmographia e Música. Para maiores informações dirigir-se ao Ilmo. Sr. João Baptista de Moraes, fazendeiro em Campinas”. Muitos professores chegavam a residir com as famílias passando quase a fazer parte das mesmas, como o caso de Mme. Leper, professora das filhas do fazendeiro Barão Geraldo de Resende<sup>12</sup>, a qual soube polir a sensibilidade e o gosto das meninas, ensinando-lhes as sutilezas da língua francesa, a música, os bons modos e as belezas literárias dos grandes poetas franceses. Também na casa do dr. Guilherme da Silva, famoso médico, imperava a preceptora Mme. Jubert responsável pela educação de todos os membros da família.

Muitas das moças das melhores famílias campineiras estudavam em casa. Entretanto, com a fundação do Colégio do Patrocínio de Itu, em 1858, pelas irmãs de São José, muitas raparigas foram para lá estudar. Os estudos e programas de ensino eram orientados pela Madre Maria Teodora Voiron ( 1835 — 1925 ), natural de Chambéry, superiora daquele Colégio, a qual procurou proporcionar uma Educação num curso de 7 anos com aulas de Caligrafia, Catecismo, Francês, História Natural, Geografia, Aritmética e Geometria, currículo semelhante ao adotado na França naquela época, além de trabalhos práticos de agulha, crochet, tricot, etc.<sup>13</sup> Costumes e hábitos franceses eram bem difundidos neste Colégio.

Quando em 1876, o vigário de Campinas, Joaquim José Vieira, funda a Santa Casa de Misericórdia e com a anuência da Mesa Administrativa, solicita à Madre Maria o envio para esta cidade de algumas religiosas com o objetivo de ajudar o novo hospital. Assim são enviadas Ana Felicité del Carreto, depois superiora, Maria Justina Pepin, Ana Justina Martinet e Maria Basília Cordel. Tendo sido sagrado bispo do Ceará, d. Vieira foi substituído pelo padre Francisco Quay Thevenon na capelania da Santa Casa. A 15 de agosto de 1878 é inaugurado o Asilo de Órfãos anexo à Santa Casa, funcionando inicialmente como Externato para meninas pobres. Durante a epidemia da febre amarela, as irmãs foram incansáveis no atendimento aos doentes, sendo que duas delas Marie des Seraphins Favre<sup>14</sup> e Maria Santa Paula, contraíndo a febre, não resistiram e faleceram pouco depois.

Com a fundação da Estação Agronômica<sup>15</sup> em 1887, vários cientistas foram contratados pelo governo estadual e muitos franceses aqui chegaram. Vieram contribuir para o enriquecimento cultural da cidade, não apenas no campo referente à técnica em que eram especialistas, mas estendendo-se também sobre as idéias, sentimentos e hábitos na cidade. É o caso do cientista Benoit Foret ( 1844 — 1921 ) natural de Chambéry, contratado pelo Instituto Agronômico de Campinas para a seção de plantas tropicais e encarregado de importar sementes da casa Vilmorin de Paris, a fim de cruzá-las com as espécies nacionais. Colaborou para o desenvolvimento da cultura de frutas e legumes em São Paulo e organizou toda a plantação de café na fazenda São Martinho em Ribeirão Preto, da família Prado, e de algumas fazendas nas redondezas de Campinas<sup>16</sup>. Fez parte também do quadro de agrônomos desta instituição, o cientista Jersey vindo diretamente da Escola de Agricultura de Bordeaux, também especialista em plantas tropicais. Igualmente famoso foi J. J. Arthur Berthet, formado pelo Instituto Agronômico de Paris e especialista em Bacteriologia Agrícola e Industrial de Laticínios. O dr. Berthet prestou relevantes serviços a Campinas e ao Brasil, chegando a ser diretor do Agronômico de 1909 a 1923.

No Brasil, em plena "Belle Époque", a boa sociedade fala e escreve em francês. É um esnobismo sem limites. Uma verdadeira mania.

Muitos escritores chegam a usar pseudônimos franceses, caso de Freitas Valle, conhecido nas rodas literárias como Jacques d'Avray. Para imediata divulgação na Europa da Guerra do Paraguai, Alfredo Taunay, filho de franceses, escreveu na língua materna o livro "La Retraite de Laguna".

E em Campinas a situação não era diferente onde as idéias francesas alcançavam grande receptividade. A língua francesa ficou sendo a segunda, após o português, nas tradicionais famílias e mesmo pessoas de uma condição social mais baixa chegavam a aprendê-la. O próprio Visconde de Taunay, hospedando-se na fazenda de Prudente Pires Monteiro, surpreendeu-se quando a esposa deste ensinava a quatro pretinhas pobres a língua francesa.

No seu solar, na fazenda Santa Genebra, o Barão Geraldo de Rezende obrigava que a baronesa e as três filhas falassem o francês como prova de bom gosto. Muitas cartas eram escritas no idioma de Racine. Era costume as meninas cantarem canções típicas francesas. Por ocasião da primeira viagem à França da família em 1892, Amélia de Rezende Martins, filha do Barão, registra em seu livro que "cantávamos, acompanhando a alegria moça de meu pae, as cançõetas francesas populares, que elle cantolava sempre"<sup>17</sup>.

Os romancistas franceses eram lidos avidamente. E não apenas Balzac, Hugo, Flaubert, Stendhal. Lia-se muito folhetim nas páginas dos jornais de Alexandre Dumas para baixo: Raoul de Navery, Jules Sandiou, Otave Feuillet e outros. Os anúncios de leilões publicados em Campinas nos jornais de então demonstram claramente a predominância de obras francesas nas bibliotecas. Assim é que no anúncio de leilão do dr. Barbosa d'Oliveira, residente à rua do Comércio, publicado aos 19 de maio de 1884 na *Gazeta*, a atenção do leiloeiro é despertada para os seguintes autores, dentre outros: Zola, Hugo, Lamartine, Daudet e Balzac. A famosa Casa Garraux de São Paulo chegou a ter um agente em Campinas, o sr. Romão Vidal residente à rua Direita nº 38, com o propósito de fornecer as publicações francesas aos seus assinantes. O campineiro ligado sentimental e culturalmente à Europa, via França, interessava-se pelos acontecimentos mundiais e como as notícias eram escassas nos jornais da cidade, a solução estava nos jornais e revistas da França. É preciso destacar, entretanto, que uma elite de pessoas se interessava por essas publicações, não exercendo nenhuma influência sobre o povo.

O teatro foi outro veículo da divulgação francesa em Campinas, pois, com o grande desenvolvimento econômico da cidade e com a expansão das ferrovias, puderam as grandes companhias teatrais proporcionar grandes espetáculos aos campineiros. Artistas renomados aqui estiveram como: Mme. Blanche, célebre violinista que se apresentou no Teatro São Carlos a 1º de abril de 1876; a 12 de outubro de 1878 foi a vez da Grande Companhia Lírica de Felix Verneuil se apresentar com as peças

“Fille de Mme. Angot”, “Fille de Regiment”, “La vie parisienne”, “Le petit Duc”, “La Duchesse Geroleime” e “Kossiki”<sup>18</sup>

Todavia, o grande acontecimento teatral foi a chegada da célebre atriz Sarah Bernhardt a 4 de julho de 1886, para uma única apresentação no Teatro São Carlos, da famosa peça “Dama das Camélias” de Alexandre Dumas Filho. A artista foi recebida na Estação pela colônia francesa, além das autoridades municipais. A sua “performance” foi extraordinária a ponto da imprensa comentar que “hontem a noite encheu-se o teatro vendendo-se as localidades por preços a que nunca chegaram aqui”<sup>19</sup>. Apesar do sucesso, os artistas reclamaram das péssimas instalações do teatro.

O cinematógrafo inventado pelos irmãos Lumière em 1895, tornou-se conhecido pelos campineiros através das apresentações da Companhia de Variedades de Fauré Nicolay, no Teatro São Carlos em 1897, causando o maior delírio entre os campineiros.<sup>20</sup>

Um ponto que deve ser ressaltado foi a participação de Campinas no movimento republicano. Chamada de a “Meca da República” os seus expoentes máximos como: Campos Sales, Quirino dos Santos, Jorge Miranda, Francisco Glicério foram todos eles cultores dos princípios franceses sobre a liberdade. Tanto é verdade que por ocasião do famoso Banquete Republicano em 1882 coube ao Dr. Bernardino de Campos saudar a França pelo seu exemplo de justiça e liberdade. Não podemos esquecer que a República se proclamara sob os postulados de Augusto Comte, pensador positivista que muito influenciou sobre os nossos teóricos no final do século XIX.

Concluindo podemos dizer que, nos dias atuais, o influxo do pensamento francês ainda é fecundo, apesar da forte influência ianque.

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) MENDES, José de Castro. “A Casa Genoud”, *Correio Popular* 1-1-1946.
- (2) *Gazeta de Campinas*, 4-9-1885.
- (3) *Diário de Campinas*, 24-3-1888.
- (4) SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. “Medicina no período imperial”. In *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, 3º volume, Difusão Européia do Livro, 1967, p. 483 – 484.
- (5) VISCONDE DE TAUNAY. *Memórias*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 158.
- (6) SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e missões do Paraguai* ( Tradução, prefácio e notas de Rubens Borba de Moraes ), São Paulo, Martins e Editora da Universidade de São Paulo, 1972, p. 133.
- (7) PUPO, Celso Maria de Melo. *Campinas, seu berço e juventude*. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1969, p. 203 – 204.
- (8) *Gazeta de Campinas*, 17-6-1877.
- (9) DUARTE, Rafael. *Campinas de Outr’ora*. Typographia Andrade & Melo, São Paulo, 1905, p. 149.

- (10) KOSSOY, Boris. **Hércules Florence, 1933: a descoberta isolada da fotografia no XIX**. *Revista de História* (16), 1953, p. 331.
- (11) PUJOL, Hyppolite Gustave. **Notas servindo para a reforma do ensino do Collegio Culto à Ciência de Campinas**. Typographia a vapor do Livro Azul, 1890, p. 15.
- (12) MARTINS, Amélia de Rezende. **Um idealista realizador, Barão Geraldo de Rezende**. Oficinas Gráficas do Almanaque Laemmert, 1939, p. 460.
- (13) NOGUEIRA, Emília. "Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX". *Revista de História* (16), 1953, p. 331.
- (14) Campinas homenageou-a dando o seu nome a uma das ruas da cidade.
- (15) Hoje, o tradicional Instituto Agrônômico de Campinas, ligado à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.
- (16) Relatório do Instituto Agrônômico de Campinas apresentado ao Dr. Jorge Tibiriçá, secretário dos Negócios da Agricultura do Estado de São Paulo, pelo diretor F. W. Dafert, 1892, p. 13.
- (17) MARTINS, Amélia de Rezende, op. cit., p. 498.
- (18) MENDES, José de Castro. **Correio Popular**, fascículo nº 18, 6-3-1969.
- (19) **Gazeta de Campinas**, 6-7-1886.
- (20) MENDES, José de Castro. **Efemérides campineiras**. Edit. Palmeiras, 1963, p. 125.